

Paixão crítica – 100 anos de Octavio Paz

Eduardo Jardim

Sobre Octavio Paz – vida e obra

Celso Lafer

“Cuchara”: tres momentos de Octavio Paz

Enrico Mario Santí

**Tempo da poesia e tempo do ensaio:
Romantismo alemão e Modernismo
brasileiro a partir de Octavio Paz**

Pedro Duarte

O labirinto mexicano de Octavio Paz

Maria Elisa Noronha de Sá

O reverso da medalha

Silviano Santiago

**A perda da imagem do mundo: cidade e
modernidade em Octavio Paz**

Renato Cordeiro Gomes

**“Mutra” (1952): encuentro y
desencuentro con Oriente**

Anthony Stanton

Octavio Paz lê Matsúo Bashô

Helena Martins

**O encontro entre Sórora Juana Inés de Cruz
e Octavio Paz e sua repercussão em *Las
Trampas de La Fe* (As armadilhas da fé)**

Beatriz Paredes Rangel

Octavio Paz depois de Duchamp

Luiz Camillo Osorio

**Os privilégios da vista – a crítica de arte de
Octavio Paz**

Karl Erik Schøllhammer

**Octavio Paz, o Surrealismo e
Luis Buñuel**

Paulo Antonio Paranaguá

Las fatalidades de Octavio Paz

Danubio Torres Fierro

**Testimonio sobre Octavio Paz
y la revista “Plural”**

Danubio Torres Fierro

Noturno de San Ildefonso

Horacio Costa

varia**O que Beckett salva?**

Marcela Oliveira

Platão e a alma

Silvia Regina Barros da Cunha

**Responsabilidade moral e
demonologia, em Platão e na
tradição neoplatônica**

Aldo Setaioli

**Ceticismo e transcendência em
Cícero, no *De re publica* e
nas *Tusculanas*: uma continuidade
paradoxal**

Carlos Lévy

**Cícero Academicus 20 anos depois.
Tendências recentes sobre o ceticismo
acadêmico em Roma**

Ermanno Malaspina



Paixão Crítica: 100 anos de Octavio Paz

Organização: Pedro Duarte

CADERNOS DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA PUC-RIO, SETEMBRO DE 2015

[o que nos faz pensar]

- 5 Apresentação | Paixão crítica de Octavio Paz
Pedro Duarte
- 7 Paixão crítica – 100 anos de Octavio Paz
Eduardo Jardim
- 15 Sobre Octavio Paz – vida e obra
Celso Lafer
- 27 “Cuchara”: tres momentos de Octavio Paz
Enrico Mario Santí
- 41 Tempo da poesia e tempo do ensaio: Romantismo alemão e Modernismo brasileiro a partir de Octavio Paz
Pedro Duarte
- 51 O labirinto mexicano de Octavio Paz
Maria Elisa Noronha de Sá
- 65 O reverso da medalha
Silviano Santiago
- 73 A perda da imagem do mundo: cidade e modernidade em Octavio Paz
Renato Cordeiro Gomes
- 87 “Mutra” (1952): encuentro y desencuentro con Oriente
Anthony Stanton
- 105 Octavio Paz lê Matsúo Bashô
Helena Martins
- 123 O encontro entre Sóror Juana Inés de Cruz e Octavio Paz e sua repercussão em *Las Trampas de La Fe* (As armadilhas da fé)
Beatriz Paredes Rangel
- 131 Octavio Paz depois de Duchamp
Luiz Camillo Osorio
- 141 Os privilégios da vista – a crítica de arte de Octavio Paz
Karl Erik Schöllhammer
- 151 Octavio Paz, o Surrealismo e Luis Buñuel
Paulo Antonio Paranaguá
- 163 Las fatalidades de Octavio Paz
Danubio Torres Fierro
- 167 Testimonio sobre Octavio Paz y la revista “Plural”
Danubio Torres Fierro
- 171 Noturno de San Ildefonso
Octavio Paz | tradução de Horácio Costa
- varia**
- 189 O que Beckett salva?
Marcela Oliveira
- 205 Platão e a alma
Silvia Regina Barros da Cunha
- 219 Responsabilidade moral e demonologia, em Platão e na tradição neoplatônica
Aldo Setaioli
- 243 Ceticismo e transcendência em Cícero, no *De re publica* e nas *Tusculanas*: uma continuidade paradoxal
Carlos Lévy
- 261 Cícero Academicus 20 anos depois. Tendências recentes sobre o ceticismo acadêmico em Roma
Ermanno Malaspina

O que nos faz pensar Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Centro de Teologia e Ciências Humanas (CTCH) – Departamento de Filosofia

Editora

Irley F. Franco (PUC-Rio)

Conselho Editorial

Abel Lassalle Casanave (UFSM); Danilo Marcondes de Souza Filho (PUC-Rio); Déborah Danowski (PUC-Rio); Edgard José Jorge Filho (PUC-Rio); Eduardo Jardim de Moraes (PUC-Rio); Elsa Helena Buadas Wibmer (PUC-Rio); José Alexandre Durry Guerzoni (UFRGS); Françoise Dastur (Université de Nice Sophia-Antipolis); Kátia Muricy (PUC-Rio); Luiz Carlos Pereira (PUC-Rio); Marcelo Perine (PUC-SP); Maria Manoella Baffa (PUC-Rio); Matthias Schirn (Ludwig-Maximilians Universität Munich); Maura Iglesias (PUC-Rio); Mercedes Torrevejano (Universidade de València); Newton Carneiro Affonso da Costa (USP); Oswaldo Chateaubriand Filho (PUC-Rio); Oswaldo Porchat Pereira (UNICAMP); Paulo Cesar Duque Estrada (PUC-Rio); Renato Janine Ribeiro (USP); Ricardo Ribeiro Terra (USP); Roberto Markenson (UFPE); Sérgio Luiz de Castilho Fernandes (PUC-Rio); Vera Cristina de Andrade Bueno (PUC-Rio); Wilson John Pessoa Mendonça (UFRJ); † Antonio Abranches (PUC-Rio); † Bento Prado Jr. (UFSCAR); † Henrique C. de Lima Vaz (UFMG); † Valério Rohden (UFRGS).

Projeto Gráfico

Marcos Martins Design

Capa e Editoração Eletrônica

estudio \o/ malabares

anadias@estudiomalabares.com

Endereço para Correspondência

Rua Marquês de São Vicente, 225 – 22453-900 – Rio de Janeiro RJ

tels. (21) 3527 1299; 3527 1298

<http://www.oquenofazpensar.com>

Cicero Academicus 20 anos depois. Tendências recentes sobre o ceticismo acadêmico em Roma*

Resumo

Neste artigo, primeiramente recapitulo brevemente o status quaestionis no campo de pesquisa da posição filosófica de Cícero, durante os últimos vinte anos, usando como ponto de partida o momentoso Cicero Academicus escrito por Carlos Lévy em 1992. Depois disso, lido com dois problemas particulares nessa área: 1. As exatas relações no pensamento de Cícero entre seu próprio relativismo acadêmico e a necessidade moral e política de valores de verdade de acordo com a tradição romana. 2. A posição política de Cícero durante a composição dos Academici libri e as Tusculanae (primavera-verão de 45 AC): os esforços contemporâneos em escrever mensagens políticas para César (sobretudo o assim chamado Symbouleutikón) prova em minha opinião que Cícero nem estava atuando nesse período como um adversário velado do novo regime, nem mostrando-se como um fraco oportunista; ao contrário, seu princípio foi sempre servir seu ideal de República romana, ajustando suas ações às diferentes circunstâncias (temporibus adsentiendum).

Palavras-chaves: Cicero Marcus Tullius; Ceticismo; Filosofia Romana; Iulius Caesar; Lucullus; Dogmatismo; Relativismo; Literatura de Oposição; Verdade; Tirania.

Abstract

In this paper I recap first briefly the status quaestionis in the research field of Cicero's philosophical stance during the last twenty years and using as a starting point the momentous Cicero Academicus written by Carlos Lévy in 1992. After that, I deal with two particular problems in this area: 1. The exact relationships in Cicero's thought between his own academic relativism and the moral and political necessity of truth-values according to the Roman tradition. 2. Cicero's political stance during the composition of the Academici libri and the Tusculanae (spring-summer

* Universidade de Turim.

45 BC): *the contemporary efforts at writing political messages for Caesar (above all the so-called Symbuleutikón) prove in my opinion that Cicero was neither acting in this period as a covert opponent of the new régime nor showing himself as a weak opportunist; on the contrary, his principle has always been to serve his (ideal of) Roman Republic, adjusting his actions to the different circumstances (temporibus adsentiendum).*

Keywords: Cicero Marcus Tullius; Scepticism; Roman Philosophy; Iulius Caesar; Lucullus; Dogmatism; Relativism; Opposition Literature; Truth; Tyranny.

0. A publicação, em 1992, justamente há 20 anos, da monografia *Cicero Academicus* de Carlos Lévy¹ constituiu um dos momentos de virada mais significativos e importantes no âmbito da pesquisa sobre o pensamento romano, sobre Cícero filósofo e sobre a evolução da escola acadêmica. O escopo de minha comunicação é fazer o balanço do *status questionis*, observando alguns problemas trazidos à luz por ocasião da monografia, com alguns direcionamentos que podem ser identificados e analisados².

1. Quando *Cicero Academicus* foi publicado, em 1992, a comunidade científica se mostrou subitamente muito atenta à novidade, dedicando-lhe cerca de 15 resenhas (dados *APH*), número que comumente sinaliza grande interesse. Por outro lado, a instituição editorial prestigiosa (École Française de Rome), as dimensões notáveis, na tradição das publicações oriundas de teses de habilitação francesa, e sobretudo o tema escolhido, até então muito pouco frequentado, justificavam ademais o interesse e o crédito concedido.

1 *O presente artigo corresponde a quanto foi defendido por mim em 4 de junho de 2012 na PUC-Rio, com mínimas adições e correções. Algumas das teses aqui defendidas aparecem também em minhas contribuições publicadas em várias línguas (Malaspina 2005, Malaspina 2012-2013 e Malaspina 2013). Sou grato aos colegas brasileiros pela acolhida no Rio e na PUC e em particular a Maura Iglésias, que assumiu a pesada tarefa da tradução para o português. A responsabilidade pelos erros e imprecisões eventualmente presentes no texto é apenas minha. Desde 2012 o volume está disponível gratuitamente *on line*, podendo ser baixado do site da *Société Internationale des Amis de Cicéron* (SIAC), www.tuliana.eu

2 A reputação e o respeito que a atividade intelectual de Carlos Lévy conquistou em anos de trabalho não precisam de nenhum acréscimo ou reconhecimento, menos ainda vindo de um estudioso muito menos conhecido como eu. Quem conhece as relações pessoais que existem entre mim e Carlos Lévy desde o agora longínquo encontro FIEC de Quebec em 1994 bem sabe que não há nenhuma necessidade de uma *laudatio* nem de uma *captatio benevolentiae*, entre outras coisas justamente porque Carlos Lévy me deu a honra de propor-me, faz agora cinco anos, colaborar com seu projeto de edição crítica dos *Academici*, projeto que esperamos levar a termo em breve.

Todavia, lendo hoje, à distância de anos, essas resenhas, chama-nos a atenção o fato de que, em muitos casos, sobretudo os mais competentes dos que escreveram resenhas tenham dado maior ênfase a críticas que a avaliações positivas. Não teria sentido fazer aqui uma contrarresenha a cada resenha, mas, somente para dar um exemplo, a intervenção de John Glucker, publicada em “Gnomon”, é extremamente parca de elogios e termina com a indicação de alguns “not insignificant shortcomings” (p. 221) do texto. Não se tem, em suma, absolutamente a impressão de estar diante de um livro memorável.

Entretanto, a recuperação, a sistematização e a análise do trabalho de *Quellenforschung* dos séculos XIX e XX³; a reconstrução da presença da doutrina acadêmica em Roma antes de Cícero; a análise atenta dos passos mais complexos dos *Academici* e do *Lucullus*⁴; o exame das diferentes estratégias de tradução dos termos técnicos da epistemologia sensitivista estoica e das críticas acadêmicas; o enquadramento dos *Academici* na produção de Cícero (sobretudo nas relações com o *Tusculanae* e o *De finibus*); enfim, a personalidade filosófica completa de Cícero, não mais apenas mero tradutor de Platão do grego, frequentemente acusado também de ser um mau tradutor: tudo isso – e outras coisas ainda – são hoje pontos pacíficos da crítica e passaram incólumes pelo julgamento do tempo.

Posso imaginar que por trás dessa atitude de alguns autores de resenhas haja também uma contraposição de escolas e de línguas, visto que são sobretudo os anglossaxões que se mostram frios diante do *Cicero Academicus*. Certo é que depois desse livro a produção científica sobre a questão viu uma multiplicação fecunda de títulos e de pesquisas: investigações sobre personagens da Academia, e sobretudo sobre Antíoco, o último e o mais fascinante entre os epígonos do pensamento platônico (aqui, entretanto, além da influência do livro de Lévy, aprez-me recordar o precedente e fundamental *Le scuo-le, l'anima, l'impero: la filosofia antica da Antioco a Plotino* di Pierluigi Donini, 1982), bem como as de Annas, Bénatouil, Brittain, Fladerer, Iopolo, Tarrant e por último Sedley); investigações sobre a epistemologia e a lógica (Barnes, Dumont, Frede, Tuominen); a personalidade filosófica de Cícero (Ciarallo, Gawlick, Görler, e ainda Iopolo, Mercier, Powell). Nem todos esses textos dão

3 Um mérito particular de Lévy foi entre outros o de redescobrir e valorizar a tempo também *I Dossografi di Etica* de Michelangelo Giusta, um livro injustamente esquecido e hoje de novo disponível a todos, sempre graças ao site da SIAC.

4 O texto espera uma nova edição crítica há um século, ou melhor, desde quando a ele se dedicou Otto Plasberg com uma *editio maior* em 1908 e depois com uma mais leve (sobretudo no aparato crítico) *editio minor* em 1922.

o devido espaço a *Cícero Academicus*, por alguns nem sequer citado, mas uma leitura atenta mostra quanto esse livro teve um impacto positivo e quanto se perde por não levá-lo devidamente em conta.

Nesta bibliografia tão ampla, em um só vintênio, mais que oferecer uma entediante resenha ponto por ponto (que necessitaria, por outro lado, muito mais tempo), prefiro demorar-me sobre dois aspectos significativos: o primeiro é a personalidade filosófica de Cícero e suas relações com a doutrina platônica; o segundo é a interpretação política dos *Academici* e da sua produção filosófica em geral.

2. Começamos com a personalidade filosófica de Cícero. Giannantoni terminava sua resenha de *Cícero Academicus* com estas palavras: “dopo questo libro, che certamente stimolerà altre ricerche, sarà difficile contestare a Cicerone una personalità filosofica” (p. 310). Em filosofia, de fato, o próprio Cícero se apresentava como discípulo de Platão pela escola de Arcesilau e de Carneades e mais do probabilismo do segundo que da posição absolutamente cética do primeiro. É ele mesmo que diz, ou, melhor, que se faz dizer em uma polêmica com Varrão, que provém dos *Academici libri*. Cícero reivindica seu direito de deixar a posição dogmática da Primeira Academia para abraçar a posição cética da Segunda, tanto mais que Antíoco se tinha permitido fazer o mesmo percurso, mas em sentido inverso:

Tum ille [Varro]: “Istuc quidem considerabo, nec verso sine te. Sed de te ipso quid est – inquit – quod audio?” “Quanam – inquam – de re?” “Relictam a te veterem Academiam – inquit – tractari autem novam”. “Quid ergo – inquam – Antiocho id magis licuerit nostro familiari, remigrare in domum veterem e nova, quam nobis in novam e vetere? Certe enim recentissima quaeque sunt correctae et emendatae maxime.

Then Varro replied: “I will certainly think this over, though not without your help. But what’s this I hear about you?” “In what connection?” I said. “That you have abandoned the Old Academy” he said, “and are dealing with the New”, “What of it” I said. “Was it more permissible for our friend Antiochus to leave his new home for an old one than for me to switch to the new from the old? Isn’t the latest thing always the most up-to-date and corrected? (Britain)

Para dizer a verdade, Cícero era o único que ainda apoiava essa filosofia, como lemos no *De natura deorum* (1, 11):

Qui autem admirantur nos hanc potissimum disciplinam secutos, his quattuor Academicis libris satis responsum videtur. Nec vero desertarum relictarumque rerum patrocinium suscepimus; non enim hominum interitu sententiae quoque occidunt, sed lucem auctoris fortasse desiderant. Ut haec in philosophia ratio contra omnia disserendi nullamque rem aperte iudicandi profecta a Socrate repetita ab Arcesila confirmata a Carneade usque ad nostram viguit aetatem; quam nunc prope modum orbam esse in ipsa Graecia intellego. Quod non Academiae vitio, sed tarditate hominum arbitror contigisse.

To those again who are surprised at my choice of a System to which to give my allegiance, I think that a sufficient answer has been given in the four books of my Academica. Nor is it the case that I have come forward as the champion of a lost cause and of a position now abandoned. When men die, their doctrines do not perish with them, though perhaps they suffer from the loss of their authoritative exponent. Take for example the philosophical method referred to, that of a purely negative dialectic which refrains from pronouncing any positive judgment. This, after being originated by Socrates, revived by Arcesilas, and reinforced by Carneades, has flourished right down to our period; though I understand that in Greece itself it is now almost bereft of adherents. But this I ascribe not to the fault of the Academy but to the dullness of mankind. (Brittain)

Quais eram as acusações que se faziam a essa filosofia no tempo de Cícero? As acusações dos dogmáticos eram as mesmas que hoje são formuladas por muitos intelectuais, pelo menos na Europa, a certa tendência relativista e posmoderna, ou melhor, para retomar as palavras de um desses, de “lasciare il campo valoriale alla mercé del primato della soggettività (culturale ed etica) con effetti di egoismo, particolarismo, cinismo”⁵, como Cícero diz por meio de Lúculo, defensor das teses dogmáticas de Antíoco, no diálogo que dele toma o nome (*Lucul.*, 61-62):

Tunc, cum tantis laudibus philosophiam extuleris Hortensiumque nostrum dissentientem commoveris, eam philosophiam sequere quae confundit vera cum falsis, spoliat nos iudicio, privat adprobatione omni, orbat sensibus? [...]. Sublata enim adensatione omnem et

5 De Rita 2010

motum animorum et actionem rerum sustulerunt; quod non modo recte fieri sed omnino fieri non potest.

You have extolled philosophy vigorously enough to stir our friend Hortensius despite his earlier disagreement. So how can you follow a philosophy that confounds true and false, cheats us of a criterion, robs us of approval, and makes us bereft of our senses? [...] For by doing away with assent, they have done away with every mental motion and practical action – something that not only can't be done rightly, but can't be done at all! (Brittain)

Essa acusação permitia também a Cícero fazer um pouco de autoironia: leiamos, com efeito, como segue a passagem do *Lucullus*:

Provide etiam ne uni tibi istam sententiam minime liceat defendere. An tu, cum res occultissimas aperueris in lucemque protuleris iuratusque dixeris ea te conperisse (quod mihi quoque licebat qui ex te illa cognoveram), negabis esse rem ullam quae cognosci comprehendi percipi possit? Vide quaeso etiam atque etiam ne illarum quoque rerum pulcherrimarum a te ipso minuatur auctoritas.

You should also consider whether this isn't a view that you should be the last person to defend. Weren't you the person who revealed a deeply hidden affair, who brought into the light, and said on oath that you had 'ascertained' it (as I could also have said, since I knew it from you)? And now you are going to say that there is nothing that can be known or apprehended? Please, please take care, or the authority you have from that excellent affair will be diminished by your own words. (Brittain)

A alusão autoirônica nos remete, como sabem todos, às Catilinárias de 63 a.C., talvez o apogeu da carreira de Cícero como advogado e como homem político. Nessa circunstância, de fato, ele tinha assumido toda a responsabilidade de ter descoberto a conjuração, repetindo várias vezes a fórmula *comperi* (apurei), com o risco de parecer redundante e vaidoso a seus concidadãos. Agora Lúculo lhe contrapõe o discurso acadêmico: como pode “apurar a verdade” quem não crê na verdade, sendo cético? (“relativista”, diremos nós hoje?)

Mas era mesmo essa, de relativismo absoluto, a posição de Cícero? Não creio realmente e nisso sigo as observações tanto de Carlos Lévy como de um dos mais argutos estudiosos da filosofia de Cícero, Woldemar Görler: o ponto crucial do tratado é o § 148, o último, no qual Cícero põe na boca de Catulo uma conclusão muito interessante.

(*Catulus loquitur*) ‘Egone’ inquit, ‘ad patris revolvor sententiam, quam quidem ille Carneadeam esse dicebat, ut percipi nihil putem posse, adsensurum autem non percepto id est opinaturum sapientem existumem, sed ita ut intellegat se opinari sciatque nihil esse quod comprehendi et percipi possit. †per epochen illam omnium rerum conprobans† illi alteri sententiae, nihil esse quod percipi possit, vehementer adsentior’.

‘Habeo’ inquam ‘sententiam tuam nec eam admodum aspernor’.

I am returning to my father's view, that is to say that nothing can be perceived but that the wise man will assent to things not perceived and so will hold opinions: with the qualification, to be sure, that he will be aware it is an opinion and that there is nothing that can be comprehended and perceived †....†’.

‘So I have your view, and it is not a negligible one’ (Rackham-Görler).

Infelizmente, o significado completo do texto nos escapa por causa de um problema textual ainda não resolvido. O que é significativo é que a atitude falibilista descrita aqui como válida para o sábio, segundo o pai de Catulo (não existe conhecimento certo, mas o sábio deve em todo caso dar seu consentimento e depois opinar), é o mesmo que Cícero atribui a si mesmo no § 66 (*sed quaerimus de sapiente. Ego vero ipse et magnus quidam sum opinator (non enim sum sapiens)*). A inferência que faz Görler, isto é, que essa era a posição não só de Catulo, de seu pai e de Cícero como “personagem”, mas também a de Cícero como “autor”, é bastante convincente, embora à primeira vista possa parecer surpreendente que o comportamento (*opinari*), primeiro considerado inconciliável com o *sapiens*, se torne ao fim do tratado justamente a via mestra do *sapiens*⁶.

Para simplificar, proporia resumir a posição de Cícero em três pontos:

Cícero não era absolutamente um cético sistemático, porque acreditava na existência (digamos absoluta, objetiva) da Verdade. É suficiente citar uma afirmação do *De natura deorum* (1, 12), tratado composto depois dos *Academicus libri*:

Non enim sumus I quibus nihil verum esse videatur

In fact I am not the one who believes that nothing is truth.

6 Deixo aqui de lado a questão do contraste entre Clitômaco e Metrodoro/Filon na interpretação do pensamento de Carnéades.

Mas Cícero estava convicto de que era impossível para o homem apreender a verdade com um grau absoluto de certeza: como vimos, este ponto é expresso com clareza no *Lucullus*. Isso pelo menos ele devia à Nova Academia e à sua crítica ao assentimento, crítica que, como é conhecido por Cícero, nascia bem antes de Arcesilau, com Platão e mesmo com a maiêutica de Sócrates (*Luc.* 122):

Latent ista omnia Luculle crassis occultata et circumfusa tenebris.

All these things are hidden, Lucullus, and shrouded in deep darkness.

Finalmente, a consciência da falta de um *fundamentum certum et inconcussum*, para usar a famosa fórmula de Heidegger, jamais dissuadiu Cícero de agir na dimensão ética, isto é, na vida real, humana cultural política, de seu tempo, com a mesma certeza, o mesmo empenho, a mesma confiança, como possuísse esse *fundamentum*.

Como escreveu recentemente um intelectual italiano de reconhecida autoridade, Claudio Magris, “è difficile individuare i valori da giudicare non più negoziabili, ma è in questa ricerca che si gioca la più alta avventura della coscienza umana”⁷. Sem querer fazer abordagens indevidas ou atualizações temerárias, creio que Cícero, exatamente como muitos de nós hoje, sentiu com a mesma força o empenho racional para a refutação do dogmatismo e a inspiração ética para leis compartilhadas e válidas para todos (quase diria “por natureza”), tanto mais em um momento de crise política e moral do estado romano. Além dos *Academici libri* ele recorreu, para encontrar o seu *fundamentum*, os seus valores inegociáveis, a dois expedientes (chamá-los-ei prudentemente assim, não sendo de modo nenhum *inconcussa*): o *consensus philosophorum* ou o *consensus omnium*. Com eles, ele plantava as estacas que demarcavam seu caminho pessoal, que não excluía nem a existência de um princípio divino que governava o mundo nem a natureza igualmente divina de uma parte de nós, segundo uma linha de pensamento claramente platônica (*Cic. Tusc.* I, 70):

Sic mentem hominis, quamvis eam non videas, ut deum non vides, tamen, ut deum adgnoscis ex operibus eius, sic ex memoria rerum et inventionem et celeritate motus omnique pulchritudine virtutis vim divinam mentis adgnosco.

So with the mind of man, though thou seest it not, as thou seest not God, nevertheless as thou recognizest God from His works, so from memory, power of discovery, rapidity of movement and all the beauty of virtue, thou shalt recognize the divine power of mind (Loeb).

Frequentemente acusado de ser apenas um cata-vento, medroso, oportunista, Cícero, como creio também graças à contribuição crucial do *Cícero Academicus* de Carlos Lévy, teve uma posição difícil, que queria salvar o rigor possibilista dos Acadêmicos, sem perder a inspiração ética de muitos assim chamados “dogmáticos”: ele não foi, provavelmente, um filósofo sistemático e rigoroso, mas sua fidelidade à Nova Academia demonstra quão profundamente honesta e humana era sua posição: honesta, porque nunca esqueceu ou minimizou a nossa impossibilidade de alcançar um *fundamentum inconcussum*; mas igualmente humana e “romana”, porque sentiu que esta falta deve ou deveria ser superada de algum modo, para garantir uma vida verdadeiramente “autêntica” (*eigentlich* é de novo vocábulo heideggeriano) para o cidadão, para aquele *magnus opinator* que se descobre no fundo.

3. Há, por outro lado, um ponto na complexa reconstrução de Lévy que, devo reconhecer, até agora não me convenceu: trata-se da interpretação política dos *Academici* como livros animados por um espírito antitirânico e antice-sariano. Para resumir brevemente a posição de *Cícero Academicus*, o ponto de partida é que a primeira versão do tratado, com os dois livros chamados *Catulus* e *Lucullus*, é aquela que melhor revela as verdadeiras intenções do arpinense. Ele escolhe de fato como protagonistas dois notáveis, não muito à vontade com a filosofia, mas claramente contrários à facção política e às aspirações tirânicas encarnadas por César, e o faz justamente para desagradar ao novo senhor de Roma. Para além dos personagens, Lévy identifica uma ligação entre dogmatismo na filosofia e tirania em política, estabelecendo um silogismo cuja conclusão necessária é que, se se deve combater o dogmatismo, é preciso combater César, para exaltar o livre espírito de pesquisa, que, como vimos, busca a verdade opinando, portanto com plena consciência da falibilidade do ser humano. Em política como em filosofia, os *Academici* (sobretudo a sua primeira versão em dois livros, como dito) combatem a ideia de que um só indivíduo possa considerar-se e ser considerado detentor da verdade. Essa análise está de acordo com uma corrente de pensamento que se desenvolveu nesses últimos anos nos estudos clássicos: encontrar uma “oposição política” oculta em muitos autores, mesmo em textos escritos e publicados

7 Magris 2010

com motivações explícitas opostas. Baste pensar na interpretação de Virgílio pela Escola de Harvard ou nas leituras do mesmo teor da *Pharsalia* de Lucano e das tragédias de Sêneca. Para Cícero creio que os primeiros sinais desse tipo de interpretação se lêem no trabalho póstumo de Hermann Strasburger, segundo quem todos os tratados dos anos 45-44 eram uma deliberada polémica contra César. Há alguns anos, o direcionamento atingiu seu apogeu com *Paideia Romana* de Ingo Gildenhard, dedicado às *Tusculanae*, enquanto outros estudiosos anglossaxões mostram-se muito frios com relação a esse tipo de interpretações, como no caso de Miriam Griffin, que, em *Assent and Argument*⁸, parte justamente das posições de Lévy para rejeitá-las.

A grande rapidez com que Cícero acomoda a *clementia* e a *sapientia* que ele reconhece em César na *De Marcello* e na *Pro Ligario* no dia seguinte ao 15 de março mostra que essa solução, digamos, “colaboracionista” era para Cícero apenas um expediente ditado pelas circunstâncias; nisso, estou de acordo com Lévy. Todavia, seria, segundo penso, igualmente arriscado ver na contribuição teórica de Cícero à teoria monárquica em Roma apenas o movimento hipócrita do “melhor dos advogados”.

Quando Cícero estava compondo os *Academica* e depois as *Tusculanae*, no início de maio de 45, em sua vila de Astura, deixou-se convencer por Ático a iniciar um tratado em forma de epístola sobre a constituição e a administração do estado (hoje é catalogado como *Epistula ad Caesarem de consiliis* ou *Συμβουλευτικόν*); em seguida, no mesmo mês, ele o apresentou ao próprio Ático, a L. Cornélio Balbo e a C. Oppio. Eles, porém, lhe propuseram correções tão numerosas que, em 28 de maio, ele abandonou o projeto e não enviou a carta a César, que então se encontrava na Espanha (*Ad Att.* 13, 31, 2-3);

Quoniam etiamnum abes, Dicaearchi quos scribis libros sane uelim mi mittas, addas etiam *Καταβάσεως* De epistula ad Caesarem *κέκρικα*; atque id ipsum quod isti aiunt illum scribere, se nisi constitutis rebus non iturum in Parthos, idem ego suadebam in illa epistula. Utrum liberet, facere posset auctore me. Hoc enim ille exspectat uidelicet, neque est facturum quicquam nisi de meo consilio. Obsecro, abiciamus ista et semiliberi saltem simus; quod adsequemur et tacendo et latendo.

Since you are still absent, I should be very glad if you would send me Dicaearchus's books of which you write, and put in the 'Descent' as well. As for the letter to Caesar, that's a chose jugée. And the very point which your friends say he makes in his letter, that he will not go to fight the Parthians until he has settled affairs here, was recommended in my epistle. He might do whichever he pleased on my authority – that's what he's waiting for of course, and won't do anything except on my advice! For pity's sake let us chuck all this nonsense, and be half free at any rate. That we shall manage by holding our tongues and lying low (Loeb).

As dificuldades derivavam do próprio conteúdo da obra, mas Cícero procurou logo resolvê-las de modo formal, ou melhor deslocando o contexto da discussão nos tempos precedentes⁹; assim, em 28 de maio, isto é, no mesmo dia da carta anterior, Cícero escreveu de novo a Ático (*Ad Att.* 13,30,2) para comunicar-lhe que queria agora compor um *Dialogus more Dicaearchi*; na segunda metade de agosto, finalmente, voltou ao gênero epistolar com uma nova *Epistula ad Caesarem*, cujo assunto porém se tinha tornado ao menos formalmente literário: uma mensagem de cumprimentos pelo *Anticato*, recém publicado (*Ad Att.* 13, 46, 2; 13, 51, 1).

Uma vez que esses três textos (*Epistula ad Caesarem de consiliis*, *Dialogus more Dicaearchi*, *Epistula ad Caesarem*) nunca foram nem completados nem publicados, sua influência sobre o pensamento político em Roma foi nula. Quanto ao seu conteúdo, não se pode sustentar nada com certeza, exceto que parecem afastar-se cada vez mais da política contemporânea e dos temas dos *Fürstenspiegel* (*Miroirs des Princes*).

Convém entretanto insistir ainda sobre as datas de composição dessas três obras perdidas: o início do trabalho sobre o *Συμβουλευτικόν* e seu final, no dia 28 (*Ad Att.* 12, 40, 2 e 13, 31, 2-3), coincidem com a famosa carta *Ad Att.* 12, 44, 4, na qual Cícero afirma haver concluído *duo magna suntagmata* (13 de junho), isto é, com toda probabilidade, o *Catulus* e o *Lucillus*. As *Tusculanae* foram escritas depois dessa última carta (julho-agosto de 45), durante a composição da *Epistula ad Caesarem*. Não creio então que seja errado concluir que Cícero elaborava ainda temáticas de *Fürstenspiegel* em maio-agosto de 45, justamente enquanto compunha *Academica* e *Tusculanae*, obras que, como se disse, foram consideradas anticesarianas. A contradição entre duas posturas contemporâneas,

8 B. Inwood, J. Mansfeld 2007

9 Um expediente adotado em sentido contrário naquele mesmo período passando da primeira à segunda redação dos *Academici*.

a do colaborador (ainda que relutante) da *paene diuiva sapientia* de César (*Marc.* 1) e a do opositor velado do regime do “tirano”, não poderia ser mais evidente.

A primeira solução que vem à mente para não acusar Cícero de inconsistência, contradição e mesmo de esquizofrenia seria excluir que no mesmo momento e com a mesma sinceridade Cícero agisse simultaneamente como conselheiro e como opositor de César: ou não são sinceras as mensagens ao ditador, ou os tratados não são obras de oposição política, *tertium non datur*. Esta é, por exemplo, a posição de uma estudiosa italiana: “La decisione di indagare sulla costruzione del personaggio Cesare in Cicerone deriva dalla forte necessità di giustificare ciò che all’interno della visione politica di Cicerone potrebbe apparire un’incoerenza: come può colui che nella *Pro Marcello* era descritto come *princeps clemens*, dotato di innumerevoli *uirtutes* e capace di compiere un *summum beneficium* restituendo Marco Marcello ai senatori e alla Repubblica, diventare, nel *De Officiis*, l’immagine per antonomasia di colui che ha compiuto *beneficia iniusta*?”¹⁰

Nessa alternativa seca o ponto fraco parecem ser as três mensagens a César: antes de tudo não podemos lê-las, o que faz com que basear sobre elas uma teoria soe como um perigoso *argumentum e silentio*. Em seguida, se não podemos lê-las não é por um acidente da tradição manuscrita, mas porque o próprio Cícero não conseguiu levá-las a termo, não encontrando argumentos que fossem, simultaneamente, *honestas* e *gratas*, como diz ele mesmo, chegando a acusar-se de *turpis adsentatio* (*Ad Att.* 13, 28, 2). Todavia, se refletirmos de modo mais aprofundado, devemos reconhecer que justamente essas dificuldades testemunham a boa vontade e a sinceridade de Cícero, que não queria escrever a César de modo retórico e insincero (coisa, além disso, que era capacíssimo de fazer, com toda sua experiência de tribunal). Sem querer transformá-lo em intelectual cesariano *engagé*, é preciso reconhecer que depois da *De Marcello* e antes da *Pro Ligario*, Cícero nunca deixou de servir sinceramente a seu país do único modo então era possível, o de conselheiro de César e dos defensores dos opositores pompeianos, ainda que esse esforço o tenha conduzido à humilhação e ao insucesso, como foi o caso com essas três mensagens que jamais viram a luz. Se se aceita essa perspectiva, a interpretação política e antitirânica de *Academica* e *Tusculanae* torna-se mais difícil de sustentar, como já observou anteriormente Miriam Griffin, referindo-se, de modo mais sintético justamente ao contexto no qual os tratados e os *Academici* em particular foram compostos.

O único modo de subtrair-se a essa conclusão é – creio – o de contestar o postulado do qual tínhamos partido, isto é, a necessidade de eliminar as contradições entre as afirmações pronunciadas pelo arpinense no mesmo período de tempo, mas em obras e em circunstâncias diversas. Também para alguns modernos defensores de Cícero, bem afastados da malignidade de um Mommsen ou de um Carcopino, essas contradições não constituem um problema, como afirma Ingo Gildenhardt: “In principle, contradictory statements in Cicero’s *oeuvre* should not be cause for excessive concern”¹¹. Citei essa expressão porque me parece o exemplo de maior *nonchalance* dessa escola, bem longe dos sérios argumentos de *Cícero Academicus*, que Carlos Lévy continua a retomar e a sustentar: havia de fato para Cícero em primeiro lugar um problema de *parrhesia*, com base no qual seria incorreto tomar *at face value* tudo aquilo que ele escreveu, mesmo ao amigo Ático; por isso, a pesquisa da verdade no não-dito, no implícito, permanece uma via mestra de pesquisa.

Em segundo lugar, esquecemos talvez rápido demais que vemos “contradições” somente da parte de Cícero, porque podemos ler sua correspondência, ao passo que não temos nenhum instrumento para conhecer com a mesma profundidade incertezas e hesitações da contrapartida, de César e do seu *entourage*. Dito de outra forma, não podemos excluir que as contradições ciceronianas não aparecerão mais como tais se se pudesse inseri-las no verdadeiro e real intercâmbio cotidiano de opiniões, de notícias, de propostas e de arrependimentos da vida política romana sob César.

Essas objeções são tanto mais fortes quanto mais se refiram a um longo período de vida: nesse sentido, creio poder dizer que a reflexão supracitada de Pardo, que se estende da *De Marcello* ao *De Officiis*, portanto por um período de três anos, é justamente por isso extremamente fraca, se entendida em sentido tão geral. Contudo, creio que essas objeções perdem energia quanto mais o período examinado seja delimitado no tempo. Por isso minhas reflexões sobre a interpretação anticesariana de *Academica* e *Tusculanae* se concentram sobre tetemunhos muito próximos, antes, plenamente contemporâneos.

Seguramente, para encontrar um ponto de contacto entre minha posição e a de Lévy ou de Gildenhardt, pode-se dizer que Cícero permaneceu um político também nos seus tratados filosóficos e que nunca permitiu às polémicas teóricas cancelar as referências e a ancoragem na situação da república. Mas para compreender suas intenções mais profundas, segundo penso, é

10 Pardo 2008, 237

11 P. 189

necessário ligar a leitura de seus tratados à análise da sua atividade política concomitante, assim como à do seu epistolário, mais ou menos privado.

O compromisso político de Cícero permanece evidente no objetivo dos *Academica*, das *Tusculanae* e mesmo dos tratados seguintes, isto é, dar aos romanos um saber filosófico de alto nível e em latim, um objetivo ligado estreitamente à defesa e à renovação do *mos maiorum*. Mas continuo a não estar convencido da leitura como literatura de oposição dos trabalhos anteriores ao 15 de março, pela razão que tentei explicar com esta minha contribuição.

Se pois queremos alargar o horizonte e oferecer uma contribuição também ao quadro geral da figura de Cícero, então creio que se pode dizer que, entre as duas teses opostas, a dos detratores que o representam como um homem sem coragem, e a dos defensores, que, ao contrário, veem nele um opositor velado do tirano, minha pesquisa vai antes em uma outra direção, a de uma “terceira via”, com Cícero como “a centrist and a moderate”¹², ou, melhor ainda, utilizando a sua mesma terminologia, como aquele que está disponível para “adaptar-se às circunstâncias” (*temporibus adsentiendum*) para o objetivo supremo da *utilitas rei publicae*¹³. Cícero não queria, em minha opinião, nem realizar uma ação adulatória e oportunista, nem esconder sua oposição, mas, antes, exprimir o seu convencimento de que, *faute de mieux*, a política de César voltada para a *douceur* (na definição de J. de Romilly) era a solução melhor ou pelo menos a menos ruim *sub tyranno*.

O momento de uma aproximação mais direta à política nos tratados virá depois de 15 de março, quando Cícero usa finalmente o termo “tirano” para César (mais de 150 vezes na sua obra). Todavia, enquanto o fazia, reconhecia que esse tirano agora morto, pelo menos do ponto de vista das relações humanas, era preferível ao tirano vivo e vigoroso, isto é, Marco Antonio (*Ad Att.*, 14, 17, 6):

Ego autem, credas mihi uelim, minore periculo existimo contra illas nefarias partis uiuo tyranno dici potuisse quam mortuo. Ille enim nescio quo pacto ferebat me quidem mirabiliter; nunc, quacumque nos commouimus, ad Caesaris non modo acta uerum etiam cogitata reuocamus.

Tradução de Maura Iglésias, com revisão e sugestões de Marcelo Perine

12 Rousselot 2010, 76

13 Ver Jossa 1964 e Manenti 2007

Referências bibliográficas

- M. Tulli Ciceronis *Paradoxa Stoicorum - Academicorum reliquiae cum Lucullo - Timaeus - De natura deorum - De diuinatione - De fato*, fasc. I edidit O. Plasberg, Lipsiae 1908.
- M. Tulli Ciceronis *Academicorum reliquiae cum Lucullo*, rec. O. Plasberg, Lipsiae 1922 [= Stutgardiae 1980. 1996].
- E. Riganti, *Cicerone. Libri academici*, scelta di passi con traduzione italiana, Bologna 1994.
- A. Haltenhoff, *Kritik der akademischen Skepsis: ein Kommentar zu Cicero, Lucullus 1-62*, «Studien zur alten Philologie», Frankfurt a.M. 1998.
- Cicero, *Akademische Abhandlungen: Lucullus*, Lateinisch-deutsch, Text und Übersetzung von C. Schäublin, mit einer Einleitung von A. Graeser und C. Schäublin und Anmerkungen von A. Bächli und A. Graeser, Hamburg 1998.
- C. Brittain (trans.), *Cicero, On Academic Scepticism*, Translated, with Introduction and Notes, by C. Brittain, Indianapolis Cambridge 2006.
- K. Algra, J. Barnes, J. Mansfeld, M. Schofield (edd.), *The Cambridge History of Hellenistic Philosophy*, Cambridge 1999 2005.
- J. Barnes, *Truth, etc. Six Lectures on Ancient Logic*. Oxford 2007.
- T. Bénatouil, *Le débat entre platonisme et stoïcisme sur la vie scholastique: Chrysippe, la nouvelle Académie et Antiochus*, in M. Bonazzi, C. Helmig (edd.), *Platonic Stoicism – Stoic Platonism: the Dialogue between Platonism and Stoicism in Antiquity*, «Ancient and medieval philosophy» I, 39, Leuven 2007, pp. 1-21.
- R. Bett (ed.), *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism*. Cambridge-New York 2010.
- M. Bonazzi, *Academici e platonici: il dibattito antico sullo scetticismo di Platone*, Milano 2003.
- M. Bonazzi, *Antiochus' Ethics and the Subordination of Stoicism*, in M. Bonazzi, J. Opsomer (ed.), *The Origins of the Platonic System: Platonisms of the Early Empire and their Philosophical Contexts*, “Collection d’Études Classiques” XXXIII, Louvain-Namur-Paris-Walpole 2009, pp. 33-54.
- C. Brittain, *Philo of Larissa: the Last of the Academic Sceptics*, Oxford 2001.
- C. Brittain, J. A. Palmer, *The New Academy's appeals to the Presocratics*, «Phronesis» XLVI, 2001, pp. 38-72.
- P. Ciaravolo (a cura di), *La personalità filosofica di Marco Tullio Cicerone*, Atti del Convegno, Centro per la filosofia italiana, Monte Compatri 2006, Roma 2007. A.-M. Ioppolo, *Cicerone e lo scetticismo*, pp. 75-84.
- G. De Rita, *Perché deve riprendere il dialogo tra la Chiesa, la società e la politica*, «Il Corriere della Sera», 5 dicembre 2010.

- A. Drozdek, *Sceptics and a religious instinct*, «Minerva» XVIII, 2005, pp. 93-108.
- R. Dufour (ed.), *Chrysippe. Oeuvre philosophique*, Tome I et II. Bilingue. Collection Fragments. Paris 2004.
- J.P. Dumont, *Sensation et perception dans la philosophie d'époque hellénistique et impériale*, «ANRW» II, 36, 7, 1994, pp. 4718-4764.
- L. Fladerer, *Antiochos von Askalon: Hellenist und Humanist*, «Grazer Beiträge», Suppl. VII, Horn 1996.
- D. Frede, B. Inwood (edd.), *Language and Learning. Philosophy of Language in the Hellenistic Age*, Cambridge 2005.
- G. Gawlick, W. Görler, Cicero, in H. Flashar (ed.) *Die Philosophie der Antike, IV, 2. Die hellenistische Philosophie*, Basel 1994, pp. 990-1168.
- I. Gildenhard, *Paideia Romana*, Cambridge 2007.
- M. Giusta, *I dossografi di etica*, Torino, I 1964, II 1967 [repr. Torino 2012].
- B. Inwood (ed.), *The Cambridge Companion to the Stoics*, Cambridge 2003.
- B. Inwood, J. Mansfeld (edd.), *Assent and Argument. Studies in Cicero Academic books*, «Proceedings of the 7th Symposium Hellenisticum», Utrecht, August 21-25, 1995, Leiden 1997.
- W. Görler, *Cicero's philosophical stance in the Lucullus*, pp. 36-57.
- M. Griffin, *The composition of the Academica: motives and versions*, pp. 1-35.
- A.-M. Ioppolo, D. N. Sedley, *Pyrrhonists, Patricians, Platonizers. Hellenistic Philosophy in the Period 155-86 BC*, «Symposium Hellenisticum, 10», Napoli 2007.
- J.-L. Ferrary, *Les philosophes grecs à Rome (155-86 av. J.-C.)*, pp. 17-46.
- J. Annas, *Carneades' Classification of Ethical Theories*, pp. 187-223.
- A.-M. Ioppolo, *L'assenso nella filosofia di Clitomaco: un problema di linguaggio?*, pp. 225-267.
- A.-M. Ioppolo, *Arcésilas dans le Lucullus de Cicéron*, «Revue de Métaphysique et de Morale» I, 2008, pp. 21-44.
- A.-M. Ioppolo, *La testimonianza di Sesto Empirico sull'accademia scettica*, Napoli 2009.
- G. Jossa, *L'«utilitas rei publicae» nel pensiero di Cicerone*, «Studi Romani» XII, 1964, pp. 269-288.
- G.E. Karamanolis, *Plato and Aristotle in Agreement? Platonists on Aristotle from Antiochus to Porphyry*, Oxford 2006.
- J. Leonhardt, *Ciceros Kritik der Philosophenschulen*, München 1999.
- C. Lévy, *Cicero Academicus*, Roma 1992.
- R. Bett, «PhR» CIII, 1994, 572-574 | J. Cascarejo, «Gerión» XII, 1994, 349-350 | A. E. Douglas, «JRS» LXXXIV, 1994, 222 | G. Giannantoni, «Elenchos» XV, 1994, 299-310 | F. Guillaumont, «REAug» XL, 1994, 212-213 | D. Knecht, «AC» LXIII, 1994, 443-444 | P. Orosio, «Helmantica» XLVII, 1994, 353-354 | M. Griffin, «EMC» XXXIX, 1995, 306-310 | E. Haan, «CR» XLV, 1995, 168 | S. Pittia, «Topoi (Lyon)» V, 1995, 647-658 | D. T. Runia, «StudPhilon» VII, 1995, 241-242 | R. W. Sharples, «Phronesis» XL, 1995, 237 | C. Auvray-Assayas, «Latomus» LV, 1996, 214-215 | J. Glucker, «Gnomon» LXVIII, 1996, 218-221 | A. Reix, «RPhilos» CLXXXVI, 1996, 157-158 |
- C. Lévy, *Le filosofie ellenistiche*, trad.it., Torino 2002.
- C. Lévy, *Les scepticismes*, «Que sais-je?» 2829, Paris 2008.
- A.A. Long, *Cicero's Plato and Aristotle*, in J. G. F. Powell (ed.), *Cicero the Philosopher. Twelve Papers*, Oxford 1995.
- C. Magris, *Se il relativismo teme la verità*, «Il Corriere della Sera», 23 febbraio 2012.
- E. Malaspina, *Ventures i desventures de la clementia entre Cèsar, Ciceró i Sèneca*, in *Classicisme i anticlassicisme com a necessitat intel·lectuals*, Col·loqui internacional P.A.R.S.A., Barcelona, 27-30 d'octubre 2004, «Ítaca» XXI, 2005, pp. 63-78 [<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2718462>]
- E. Malaspina, *Cicerone e la verità*, «Res Publica Litterarum» (Documentos de trabajo del grupo de investigación "Nomos", ISSN 1699-7840) 2012-3, pp. 1-13 [<http://e-archivo.uc3m.es/handle/10016/16038>].
- E. Malaspina, *Rome, an 45 av. J.C.: Cicéron contre le « tyran » ?*, in L. Boulègue, H. Casanova-Robin, C. Lévy (eds.), *Le tyran et sa postérité dans la littérature latine de l'Antiquité à la Renaissance*, «Renaissance latine» 1, Paris 2013, pp. 57-69.
- F. Manenti, *Temporibus adsentiendum: la necessità di adeguarsi alle circostanze nella teoria e nella prassi politica di Cicerone*, «Paideia» LXII, 2007, pp. 459-497.
- K. Mayet, *Chrysipps Logik in Ciceros philosophischen Schriften*, «Classica Monacensia» 41, Tübingen 2010.
- S. McConnell, *Cicero and Dicaearchus*, in B. Inwood (ed.), *Oxford Studies in Ancient Philosophy* XLII, Oxford-New York 2012, pp. 307-349.
- S. Mercier, *Doute et convictions : introduction à la philosophie de Cicéron*, Diss., Louvain-la-Neuve 2010.
- J. Opsomer, *In Search of the Truth: Academic Tendencies in Middle Platonism*, Koninklijke Academie voor Wetenschappen, Letteren en Schone Kunsten van België, Brussels 1998.
- M. Pardo, *La costruzione della figura di Cesare nelle opere di Cicerone: il benefattore tiranno*, in G. Picone (ed.), *Clementia Caesaris. Modelli etici, parentesi e retorica dell'esilio*, Palermo 2008, pp. 237-258.
- R. Rodríguez Camaño, P. Fernández Beites, *El problema del conocimiento en los Academicus de Cicerón*, «CFC(L)» 1993 4, pp. 49-71.
- J. de Romilly, *La douceur dans la pensée grecque*, Paris 1995¹ 2011².
- P. Rousselot, *Cicero and the Age of Extremes*, «The Journal of Greco-Roman Studies» (Seoul), XLII, 2010, pp. 57-120.

- C. Santini, *Il « Lucillus » e Cicerone dinnanzi ai disagi della memoria*, «Paideia» LV, 2000, pp. 265-290.
- D. Sedley (ed.), *The philosophy of Antiochus*, Cambridge New York 2012.
- R. W. Sharples, *Stoics, Epicureans and Sceptics. An Introduction to Hellenistic Philosophy*, London New York 1996, pp. 11-58.
- R. Sorabji, R. W. Sharples (edd.), *Greek and Roman philosophy 100 BC-200 AD.*, «Bulletin of the Institute of Classical Studies», Supplement 94, 2 voll., London 2007.
- C. Brittain, *Middle Platonists on Academic Scepticism*, vol. II, pp. 297-315.
- J. G. F. Powell, *Cicero*, vol. II, pp. 333-345.
- H. Tarrant, *Antiochus: a new beginning*, vol. II, pp. 317-332.
- H. Strasburger, *Ciceros philosophisches Spätwerk als Aufruf gegen die Herrschaft Caesars*, Hildesheim 1990.
- H. Thorsrud, *Ancient Scepticism*, Stocksfield-Berkeley 2009.
- M. Tuominen, *Apprehension and Argument. Ancient Theories of Starting Points for Knowledge*, Dordrecht 2007.